



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARCIA CRISTINA DA SILVA DANTAS

**A FOTOGRAFIA COMO ESPAÇO DE ENSINAR: MEMÓRIA E HISTÓRIA DO
COTIDIANO DE LAMPIÃO**

CAMPINA GRANDE – PB.

2016.

MARCIA CRISTINA DA SILVA DANTAS

**A FOTOGRAFIA COMO ESPAÇO DE ENSINAR: MEMÓRIA E HISTÓRIA DO
COTIDIANO DE LAMPIÃO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba para obtenção
do título em Licenciatura Plena de
História sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Patrícia Cristina de Aragão Araújo.**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D192f Dantas, Marcia Cristina da Silva
A fotografia como espaço de ensinar [manuscrito] : memória e história do cotidiano de Lampião / Marcia Cristina da Silva Dantas. - 2016.
20 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História".

1. Ensino de história. 2. Fotografia. 3. Lampião. I. Título.
21. ed. CDD 372.89

MARCIA CRISTINA DA SILVA DANTAS

A FOTOGRAFIA COMO ESPAÇO DE ENSINAR:
MEMÓRIA E HISTÓRIA DO COTIDIANO DE LAMPIÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em História,
da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
como requisito Parcial à obtenção do título de
Licenciado em História

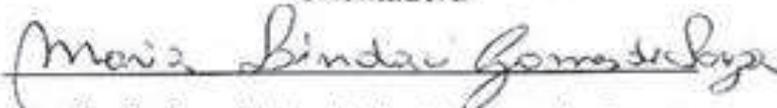
Aprovada em 30 de Maio de 2016

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Orientadora



Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza

Examinadora



Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira

Examiador

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2016

A FOTOGRAFIA COMO ESPAÇO DE ENSINAR: MEMÓRIA E HISTÓRIA DO COTIDIANO DE LAMPIÃO

Marcia Cristina da Silva Dantas

RESUMO

O artigo tem como tema o ensino de história através de recursos iconográficos, com o objetivo principal de promover a viabilidade da utilização da iconografia, neste caso a fotográfica, como recurso facilitador ao ensino da história. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa a partir da revisão bibliográfica e iconográfica por meio de fotografias do cotidiano de Lampião, suas vivências e práticas culturais, enquanto personagem histórico importante a ser estudado, de modo que tais estudos atestam a relevância da utilização destas fotografias no ensino da história em sala de aula, especificamente na educação básica, escopo deste artigo. O objetivo geral da nossa proposta foi analisar como a fotografia sobre o cotidiano e vivências de Lampião, possibilita uma outra visão do cangaceiro à luz de suas práticas culturais. Para fundamentação teórica, foram relevados os estudos de representação, memória, história cultural, métodos iconográficos propostos por Chartier (1987), Ferro (1978), Hobsbawm (1975), Burke (2004), Le Goff (1984), Pesavento (2008), Bittencourt (2008) e Mello (2010), respaldando assim, a estrutura deste trabalho no que tange à afirmação da utilização da fotografia e sua significância como recurso metodológico aceitável ao ensino da história. Em um ambiente onde especulasse-se que a disciplina de história é decorativa, enfadonha e que desperta pouco interesse nos alunos, a utilização da representação fotográfica pode ser apresentada como uma alternativa de ensino atrativo que desperta o empenho e curiosidade pela aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de História. Fotografia. Lampião.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trabalha com representações iconográficas do cangaço midiaticizado pelas fotografias abordando o cotidiano de Lampião e seu bando, no sentido de entender como era a vivência deste homem e levar essa proposta para a sala de aula. O uso da fotografia em história possibilita a aprendizagem dos conteúdos, entre os quais destacamos a vida de Lampião e seu bando no cangaço, de forma que o professor possa ampliar a visão do aluno para um momento de releitura documental, na qual Lampião é representado através de habilidades desenvolvidas no seu dia a dia.

A fotografia como referencial para o ensino de história teve grande contribuição para a escolha do tema. Baseado nisto, o cotidiano de Lampião e seu bando foi percebido com outra ótica acerca da sua vida comumente conhecida, instigando a curiosidade de uma releitura do cotidiano de Lampião que mostra outro lado do rei do cangaço, no sentido de contribuir com relação ao trabalho do professor em sala de aula. A metodologia se deu através da exibição de fotografias referentes ao tema, num movimento de comparação dos dois momentos da atividade do dia a dia de Lampião, no sentido de extrair as mudanças de significação do tema provocados pela interferência ocasionada pelas imagens.

Partindo do pressuposto de que a disciplina de história é meramente decorativa e, portanto, pouco atrativa, restringindo-se ao relato do passado, a premissa de um ensino baseado na emergência da história cultural e seus novos métodos teóricos permite uma abordagem alternativa, que viabiliza o uso da imagem fotográfica de Lampião em suas atividades diárias. Tais atividades são capazes de trazer reflexões no contexto do ensino de história, cujas as discussões podem ser utilizadas no espaço de educar, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio.

Através da análise de fotografias sobre o cotidiano e vivências de Lampião, é possível adquirir uma outra visão do cangaceiro à luz de suas práticas culturais. Esforço possível por intermédio de teóricos que nos auxiliam nesta compreensão, a exemplo de Chartier (1987), Ferro (1978), Hobsbawm (1975), Burke (2004), Le Goff (1984), Pesavento (2008), Bittencourt (2008) e Mello (2010). Trabalhados no tópico 1 deste artigo com base em seus proeminentes estudos acerca de temáticas como representação, memória, história cultural e métodos iconográficos, que contribuem para a análise e conclusão deste trabalho.

Percebemos que a história cultural colabora de maneira significativa com a história da educação e do ensino de história. Na visão de Chartier (1987), alguns dos conceitos fundamentais terminam por permear qualquer reflexão encaminhada pela História Cultural – ideologia, símbolo, representação, prática – poderemos retornar o embasamento teórico inaugurado por Chartier (1987) dentro do enfoque histórico-cultural – e que tem na noção de “representação” um dos seus alicerces fundamentais (CHARTIER, 1990). De fato, a História Cultural, tal como a entende o historiador francês, tem por principal objeto

identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade cultural é construída, pensada e idealizada.

Para Ferro (1978), a fotografia é um inventário temático no qual se encontra a enumeração de motivos – objetos representados, papéis sociais postos em cenas, produção e recepção culturais. As fotografias do bando de Lampião são imagens direcionadas a fatos históricos com base e legalidade em torno do que acontecia no cotidiano deles. Todas as fotos - feitas pelo libanês Benjamim Abrahão Botto - de Lampião e seu bando, e demonstradas no tópico 2 deste trabalho, foram consentidas pelo próprio Lampião, pois o fotógrafo carregava como material de trabalho sua filmadora, um tripé e sua câmera fotográfica.

O tópico 2 trata exatamente das reflexões realizadas sobre o cangaço e suas múltiplas histórias, conjugando a história escrita e o recurso da fotografia em torno do cotidiano de Lampião.

As fotografias mostram a vaidade que os cangaceiros exibiam com sua indumentária, que expressava diretamente uma série de cuidados com o corpo e com a aparência pessoal. Para as mulheres, o cuidado com o penteado, chamado “pega rapaz”; com a brilhantina nos cabelos, as presilhas, lenços de seda no pescoço, chapéu de feltro, vestidos de campanha, funcionais e bastante enfeitados, com bolsos, a maioria com mangas longas para proteger dos arbustos; em cada dedo um anel e, às vezes, luvas sem dedo; meias grossas, para proteger as pernas e resistir às alpercatas de couro. A moda do cangaço era funcional e bastante atraente. Prova disto é que é copiada até os dias de hoje no sertão nordestino.

Nas fotografias, as personagens masculinas não eram diferentes, pois também exibiam sua vaidade. Os cangaceiros usavam vistosos chapéus de couro com enfeites de estrelas, testeira com moedas de ouro, fardamentos de alvorada grossa, lenços, óculos escuros, alguns usavam anéis, dentes de ouro, perneira de couro bordado para passar na caatinga, sandálias de couro, cantis, cartucheira, bornais bordados e decorados.

O tópico 3 desta pesquisa evidencia o outro lado da história de Lampião, ao tratar do dia a dia do cangaceiro que mostrava em imagens fotográficas momentos de descontração e seu lado prendado, com a costura e o artesanato.

Por intermédio da disposição dessas figuras, nossa proposta é tornar as aulas mais prazerosas e educar o aluno para a pesquisa, utilizando o método de investigação visual, para que eles aprendam a observar, buscar, tratar e analisar os dados da realidade estudada. Trata-se de um Incentivo a diferentes interpretações para que os alunos consigam perceber a diversidade de perspectivas que um fato histórico pode ter.

Atesta-se que, para conquistar a atenção do aluno de história, o subsídio das fotografias do cotidiano de Lampião é ratificado como instrumento da curiosidade visual, para a captura da atenção do aluno em virtude do tema abordado.

Acreditamos que o uso da fotografia como recurso nas aulas de história pode propiciar estímulo na abordagem de temas históricos, entre os quais destacamos as imagens relativas a Lampião. A proposta de destacar as vivências de Lampião tem como foco justamente levar para a sala de aula o outro lado dele, pouco comentado nos livros. Em seu cotidiano, ele era um homem que confeccionava suas roupas, bordava, era religioso e gostava de ler. Isto contrasta com o lado obscuro do cangaceiro, frequentemente debatido em estudos sobre o tema.

Possibilitar o debate em torno da desconstrução do discurso em torno de uma figura histórica unicamente como símbolo de violência é importante a partir da sala de aula, pois, na cultura popular nordestina, o homem Virgulino Ferreira da Silva, “Lampião”, foi visto sempre da forma mais pejorativa. Mostrar o lado prendado e seu estilo de vida, desconsiderado por muitos, permite que, no ensino de história, sejam cogitadas outras visões. Com isto, observamos a importância da fotografia para a contribuição do registro da cultura histórica.

Hobsbawm (1975), em estudo clássico sobre os bandidos sociais, abordou a composição da imagem pública de Lampião. Sua colocação privilegia o lado violento como constitutivo de sua própria imagem pública. Hobsbawm (1975) fala a respeito de quem ele ora chama de cangaceiro bandido, o Lampião, ora vê como herói popular. Todavia, a ambiguidade apresentada abre um leque de perspectivas, ao compreender o tratamento dado ao cangaceiro pelo fato de ele não se constituir como um criminoso comum, mas, conforme definido pelo próprio autor, como bandido social.

Peter Burke (2004) discute a possibilidade e as alternativas do uso de imagens na pesquisa histórica, apresentando modos de estabelecer uma

conversa com as fontes visuais. Uma delas é o método iconográfico ou iconológico. Burke (2004), por fim, argumenta que as imagens, quando utilizadas na pesquisa histórica, enriquecem e acrescentam sobremaneira a análise dos estudos do passado. Além disso, diversas linhas de pesquisa podem se utilizar delas para compreender melhor como são essas relações entre o objeto de estudo e o tempo.

Dessa forma, Lampião entra como uma figura histórico-cultural com representações fortes de liderança, conforme exibido em suas imagens fotográficas. Sua trajetória desperta em estudiosos a discussão em torno da história do rei do cangaço, levando em consideração o tempo, o lugar e a condição sociocultural.

A cultura histórica é mais ampla do que a mentalidade, pois envolve outros fatores também tidos como importantes para a identificação do sujeito com o passado, como, por exemplo, a memória, os hábitos, as tradições, o imaginário, as representações, sendo a mentalidade histórica um deles. Lampião tinha a preocupação de construir a sua autoimagem. Por isso, ele permitia a exposição de sua imagem na mídia. Era seu desejo que ela se propagasse para a posteridade, mostrando o homem que ele era.

Destarte, utilizamos as fotografias do acervo de Lampião para a construção da releitura do seu cotidiano, como suporte para debates, análise de compreensão e construção de textos. Toda imagem gera nos observadores outras imagens mentais, fazendo-os produzir textos orais intermediários. “É preciso perceber que as fotografias estão intimamente associadas a um processo de memória e sempre despertam a oralidade” (BITTENCOURT, 2008, p. 367).

O uso das fotografias do cotidiano de Lampião contribui não somente para o ambiente de sala de aula no ensino básico, mas também na graduação do curso de História, nas discussões relativas a história e fotografia. Buscamos analisar momentos distintos do dia a dia de Lampião e seu bando, pretendendo uma releitura de como era o seu comportamento em momentos de descontração e buscando compreender como eles colaboraram com a construção de uma cultura histórica.

1. Ensino de história e o uso da fotografia

Ao falar em iconografia no ensino de história, estamos tentando afirmar a importância que ela tem como instrumento político, ideológico, social e cultural, influenciando os educadores nos aspectos metodológico e prático. A imagem pode ser um importante meio para a aprendizagem na educação, para a qual o recurso visual constitui uma boa estratégia de memória, a exemplo de textos publicitários, fotografias, livros didáticos, entre outros, fazendo-nos pensar em um texto visual.

As mensagens visuais dos materiais didáticos, por sofrerem influência da história social, trazem para si, ao longo dos anos, a responsabilidade de detalhes e explicações sobre a metodologia de aula. Isto ocorre quando partimos para uma pesquisa em história com o objetivo de promover a investigação para determinar questões e problemas que requerem uma abordagem histórica, sociológica, como, por exemplo, elucidar em que contexto histórico e em quais condições as imagens encontradas nos livros didáticos surgiram pela primeira vez, apontando acontecimentos históricos que poderão favorecer e até mesmo explicar o porquê deste surgimento, como também a relação das imagens com o professor e o aluno.

Os estudos da cultura visual têm a finalidade de favorecer o historiador, beneficiando consideravelmente a produção do seu conhecimento. Contudo, é necessário ser criterioso com a diversificação pelo foco na heterogeneidade do material de representações visuais, como caricatura, histórias em quadrinhos, publicidade, fotografia, pichações, artes plásticas, TV, cinema, vídeo, imaginário popular, pintura corporal, tatuagem, cartografia, imagens médicas e científicas em geral.

Vemos que os historiadores atualmente buscam, a partir do uso de novas fontes, entre as quais destacamos as imagens, como forma de explorar um novo horizonte pedagógico que propicie o gosto pela história por parte dos alunos. Peter Burke (2004) entende essa realidade ao alertar que os historiadores fiquem atentos aos perigos de usar evidência visual como trabalho.

O autor afirma que as imagens podem ser usadas como paralelo para a compreensão entre o objeto de estudo e o tempo. Para ele, de forma respeitosa, em alguns pontos importantes os historiadores podem usar imagens como principais objetos de estudo e fontes de pesquisa. No tocante à utilização de fotografia para pesquisa, é necessário saber elaborar a leitura

desse material, considerando cada ponto de cada imagem e todas as relações que ela possa ter com outras fotos e textos.

Isto deve ser feito com a leitura de fontes visuais, pois o pesquisador deve considerar a temporalidade da imagem. Apreciar a iconografia como objeto de pesquisa e fonte histórica nos leva a considerar suas possibilidades metodológicas, levando em conta que não é o retrato de uma verdade, mas a representação de um acontecimento ou objetos históricos.

Podemos dizer que os registros históricos por meio de imagens têm criado confronto e diálogo entre outros documentos, enriquecendo o uso da linguagem visual no ensino de história, tendo em vista que o uso de imagens tem proporcionado novas reflexões metodológicas para o saber histórico.

Para Pesavento (2008), o historiador explica em esforço retórico e pedagógico, imprimindo sentido ao seu discurso. Na busca de construir uma forma de conhecimento sobre o passado, o historiador dá a ler este passado, decifrando-o e dotando-o de inteligibilidade.

Para o historiador da Cultura, isto implica ir ao encontro das representações antigas, recuperando os registros do passado na sua irredutível especificidade, quando homens e mulheres falavam, agiam e construía representações do mundo estranhas aos nossos códigos e valores. O mais certo seria afirmar que a história estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas.

A fotografia como material didático é um instrumento específico de trabalho na sala de aula: informa; cria conflitos; induz à reflexão; desperta outros interesses; motiva; sistematiza conhecimentos já existentes; introduz problemáticas; propicia vivências culturais, literárias e científicas; sintetiza e organiza informações e conceitos.

Ao ler as fontes históricas imagéticas, pode-se compreender as representações sociais de cada época, bem como desvendar o seu processo de produção e recepção. Diante do uso crescente de documentos imagéticos na pesquisa historiográfica, a fotografia vem a ser uma nova ferramenta para reconstruir o passado, uma nova forma de registrar a memória humana. Como refere Jacques Le Goff (1984), entre as manifestações mais importantes ou significativas da memória coletiva, encontra-se o advento da fotografia, que revoluciona a memória: “multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e

uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 1984, p. 39).

As imagens fotográficas, como parte das práticas sociais, precisam ser compreendidas no contexto social, no processo de construção e recepção, revelando, assim, seus significados. A colaboração do uso de imagens fotográficas presentes no cotidiano de Lampião é uma forma de obter conhecimentos e destacar a importância da imagem para discutir o conceito de representação, de imaginário, além de analisar as formas como são apresentados na história. Trazer essa metodologia de ensino para sala de aula aprimora grandiosamente o ensino de história.

Este ensino vem abrindo amplas possibilidades de novos recursos pedagógicos para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem, bem como a construção do conhecimento histórico pelos alunos. Defendemos aqui o uso da fotografia através de uma metodologia de releitura de um momento histórico cultural, destacando o cotidiano de Lampião e seu bando.

A utilização da fotografia na prática pedagógica é importante, pois chama a atenção dos alunos, envolvendo-os de forma significativa ao despertar seu interesse com relação ao tema em estudo. As fotografias trazem muitas informações. Porém, é preciso saber interpretá-las, subsidiando a construção do conhecimento e dos conceitos.

A imagem fotográfica apresenta um reconhecimento de valor documental, relevante para estudos variados e específicos, pois é um recurso que representa cenas do passado e um resgate da memória visual do cotidiano da vivência de Lampião. Trabalhar os processos iconográficos da história em sala de aula é um caminho fascinante, que pode se multiplicar em infinitas formas e possibilidades, sendo uma importante fonte de pesquisa para a compreensão da história.

A abordagem que merece ser ressaltada em atividades desta natureza diz respeito à maneira como tratar assuntos pertinentes a técnicas metodológicas de intervenção na aprendizagem e em apresentar perspectivas aos professores como forma de romper a rotina em sala de aula. Com métodos que integram as questões pedagógicas e historiográficas, o uso de imagens possibilita a interpretação da história em determinados períodos e épocas, com riqueza de informações e detalhes. É interessante trazer essa nova dinâmica ao ensino de história, para que todo professor possa entender e usufruir dessa

didática, que pode ser utilizada numa aula de história com novas fontes, novas propostas e um novo ensino.

2. Cotidiano e vivências de Lampião: reflexões sobre o cangaço e suas múltiplas histórias

FIGURA 01: Lampião em Juazeiro do Norte. Foto de Lauro Cabral de Oliveira.



Fonte: <www.onordeste.com.br>.

Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”, nascido em Vila Bela, atual Serra Talhada-PE, era alfabetizado. Sua profissão até os 21 anos de idade era artesão. Em 1919, seu pai perde a vida em confronto com a polícia por conta de uma rixa que existia com algumas famílias da região. Com a morte de seu pai, Virgulino jura vingança, e é nesse momento que nasce o temido Lampião (MELLO, 2010).

O cangaço fazia com que o sertão do Nordeste brasileiro fosse uma terra sem lei no século passado. O bando tinha como líder Lampião e invadia

idades, vilas, lugarejos e fazendas, espalhando o terror. Travavam grandes batalhas com as volantes. Eram homens com disposição de matar ou morrer, que seguiam adentrando na caatinga a pé e se tornaram uma famosa lenda do Nordeste até os dias atuais. Em 1938, às margens do Rio São Francisco, em Sergipe, morre Lampião, líder do cangaço, num tiroteio com a Polícia Militar. Lampião, Maria Bonita e nove cangaceiros foram mortos e tiveram suas cabeças cortadas. As cabeças foram mumificadas e expostas no Museu Nina Rodrigues, na Bahia, e em 1968 foram enterradas (MELLO 2010).

FIGURA 02: Fotografia ícone mostra as cabeças de Lampião (última de baixo), Maria Bonita (logo acima de Lampião) e outros cangaceiros do bando.



Fonte: <www.onordeste.com.br>.

Lampião, o líder do cangaço, exibia duas faces: a do cangaceiro sanguinário e a que nas horas vagas era um bom costureiro. Ele exercia na caatinga o lado do cangaceiro cruel, que matava e sangrava as suas vítimas e logo depois sentava-se à frente de uma máquina de costura e mostrava com grande habilidade o seu lado alfaiate na confecção das estrelas de couro e roupas para os cangaceiros.

A vestimenta do cangaço sofreu influência do modismo, principalmente com a chegada de Lampião, pois ele mesmo confeccionava o molde desenhando, exercendo um lado estilista. Lampião costumava premiar com patentes de líderes de grupos aqueles homens que sabiam costurar e bordar.

Com isto, destacava o orgulho de ser cangaceiro. Pensar em Lampião como costureiro é muito difícil, pois vai de encontro a todo o machismo que se vê em torno do cangaço, até porque a ideia que se tem de Lampião é a de um homem perverso e brutal. O líder do cangaço era visto pelas pessoas de seu convívio como um caboclo de 1,80m, calmo e bem-educado (MELLO, 2010).

FIGURA 03: Lampião bordando sua cartucheira.



Fonte: <www.onordeste.com.br>.

Os cangaceiros usavam mosquetões, fuzis e bacamartes, mas a arma mais utilizada por eles era o punhal, o ícone do cangaço. Os cangaceiros usavam o seu punhal na parte da frente, preso aos cinturões próximos às cartucheiras. Esses punhais serviam para orgulhosamente sangrar as suas vítimas. No cangaço, o punhal tornou-se um símbolo de orgulho (MELLO, 2010).

FIGURA 04: Lampião e Juriti.

Fonte: <www.onordeste.com.br>.

Lampião ficou famoso por ser uma pessoa de muita disciplina, vestes impecáveis, cheias de acessórios. Todo o bando copiava seu estilo; a vaidade dos cangaceiros era uma de suas marcas registradas. Por muitos sertanejos, Lampião era idolatrado, pois ele roubava dos comerciantes e fazendeiros e, na maioria das vezes, distribuía parte do dinheiro com os mais pobres. No entanto, seus atos de crueldade lhe valeram a patente de "Rei do Cangaço".

Lampião conviveu durante oito anos com Maria Bonita. Teve uma filha, chamada Expedita. Como seguidora do bando, Maria foi ferida apenas uma vez. No dia 28 de julho de 1938, durante um ataque ao bando, um dos casais mais famosos do país foi brutalmente assassinado.

Lampião também tinha o seu lado religioso: ele ordenava que todos ficassem de joelhos no chão e começavam a oração. Ao finalizar o ofício, todos os cangaceiros faziam um coro na hora de dizer amém, demonstrando a devoção e religiosidade que o momento pedia, e também em respeito e obediência ao chefe. Lampião era devoto de santos e anjos, rezava todos os dias e acreditava em forças ocultas e em sonhos. Sua maior devoção era Nossa Senhora da Conceição. Ele foi muito ligado também a outro mito da história do Nordeste brasileiro, o Padre Cícero, do qual também era devoto e acatava seus conselhos (MELLO, 2010).

FIGURA 05: Lampião e seu bando rezando o ofício.



Fonte: <www.onordeste.com.br>.

Diante de toda a história que trava o mito “Lampião, O Rei do Cangaço”, abre-se uma grande discussão em torno do que seria este homem: anjo ou demônio? O homem que tirava dos ricos para dar para os pobres e o cangaceiro matador justiceiro e ladrão, título dado a Lampião. As violências cometidas pelo bando eram inúmeras: tatuagem a fogo, corte de orelha ou de língua, castração, estupro, morte lenta, entre outras.

É importante lembrar que o Capitão Virgulino adorava ser fotografado e filmado. Nesse sentido, consentiu que Benjamim Abraão, um fotógrafo libanês, convivesse durante meses com o seu bando e capturasse muito material sobre o cangaço. Esse fotógrafo, contudo, foi assassinado por um coronel, e grande parte do seu acervo foi destruída.

Era Lampião que fazia os curativos, imobilizava as pernas e braços quebrados dos feridos e fazia os partos das mulheres dos cangaceiros. Dotado de inteligência singular, ele era médico, farmacêutico, dentista, vaqueiro, poeta, estrategista, guerrilheiro, artesão. Lampião era também um homem muito desconfiado: só ingeria algo depois que alguém tivesse provado.

A história de Lampião traz momentos de grande importância para a história cultural. Virgulino, o homem polêmico, o mito e figura folclórica do Nordeste brasileiro, conhecido e divulgado na cultura popular através de danças, roupas, acessórios e cordéis.

3. O outro lado da história de Lampião no cangaço através de imagens: contribuições para o ensino de história

O artigo propõe levar imagens fotográficas para a sala de aula, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, sugerindo uma releitura dessas fotografias tão discutidas na história nordestina. A intenção é utilizar as imagens fotográficas para mostrar o cotidiano do cangaceiro, visto na maioria das vezes como um homem perverso, marginal e bandido. A fotografia vai legitimar o outro lado de Lampião, “Virgulino”.

Com a fotografia, é possível captar a realidade, de tal modo que possibilite vê-la e imaginá-la na medida em que fornece subsídios visuais para a trama das representações pessoais. As imagens aparecem legitimando o texto ou complementando-o, já que as fotografias servem como facilitadoras da memorização dos conteúdos, além de serem mais atrativas a esta geração de alunos. O recurso visual possibilita que o aluno assimile a história de Lampião e seu bando, bem como construa uma opinião acerca dos cangaceiros e suas práticas.

FIGURA 06: Maria Bonita, Lampião e os cachorros.



Fonte: <www.onordeste.com.br>.

Esta fotografia retrata o cotidiano do casal Maria Bonita e Lampião num momento de descontração, quando mostra o carinho que Maria Bonita tinha pelos cachorros que acompanhavam o bando e a imagem de Lampião fazendo sua leitura, provavelmente olhando se o jornal trazia alguma notícia sobre ele.

É possível levar esta fotografia para a sala de aula e discutir o cotidiano da vida do casal apaixonado, fiel e líder de um grupo temido pela população nordestina, abordando o comportamento social e cultural que o casal exercia naquele momento, o que vem facilitar a releitura da história do casal apaixonado.

FIGURA 07: Lampião costurando no acampamento.



Fonte: <<https://www.blogdomendesemendes.blogspot.com>>.

A imagem evidencia que Lampião também era um homem prendado, pois confeccionava as suas roupas. Os relatos sobre o cangaço e Lampião revelam que ele apreciava muito o corte e costura. Sua habilidade tanto era em tecido quanto em couro. Ele próprio cortava e costurava de forma impecável suas vestimentas. A imagem, portanto, vem legitimar de forma discursiva um momento da rotina de Lampião, exibindo o que se pode dizer que seria o seu hobby preferido.

Através desta fotografia, o professor pode desenvolver uma roda de conversa em torno da discussão para a vivência de um homem que hoje é considerado um grande estilista em moda nordestina dos anos 1930. Ademais,

a imagem mostra a satisfação de uma pessoa que hoje poderia ser considerada um grande alfaiate, e que provavelmente seria reconhecido e copiado pela sua arte de costurar.

FIGURA 08: Lampião bordando sua cartucheira.



Fonte: <<https://www.fortalezanobre.com.br>>.

Nesta imagem, Lampião bordava a sua cartucheira. Da mesma forma que ele gostava de costurar, também apreciava bordar e enfeitar seus acessórios, pois boa parte de sua vestimenta era confeccionada em couro. Esta fotografia pode propiciar uma releitura da cultura popular nordestina, vivida no folclore do Nordeste brasileiro, fazendo com que o aluno reflita sobre a importância de reafirmar a contribuição que o cangaço ainda representa nos dias atuais, e que enriquece a cultura de um povo sofrido e lutador.

FIGURA 09: Lampião e seu bando rezando o ofício.



Fonte: <www.onordeste.com.br>.

A partir desta imagem, podemos perceber o lado religioso de Lampião. Ao amanhecer, ele e seu bando colocavam-se de joelhos no chão e rezavam o ofício como forma de gratidão a Deus e a Nossa Senhora da Conceição, de quem ele era devoto. Ao visualizar esta imagem em sala de aula, o professor pode discutir a mística religiosa no povo nordestino. Perante a sua dificuldade, a fé é a alternativa mais correta a se recorrer, demonstrando o lado da devoção que o povo nordestino carrega em toda a sua história.

FIGURA 10: Fotografia Benjamin, Lampião, Maria Bonita e o bando.



Fonte: <<https://www.fortalezanobre.com.br>>.

Nesta imagem fotográfica, Lampião, Maria Bonita e alguns homens do bando, juntamente com o fotógrafo Benjamin Abrahão Botto, posam para a foto. Lampião gostava de exibir a sua cordialidade e liderança dentro do bando. Pode-se dizer que a proposta deste estudo é estabelecer o ensino de história com o uso de imagens fotográficas, trazendo uma aproximação entre Memória e História. Tal postura transforma a fotografia em documento que se converte em prova na argumentação do professor. Diante dessas provas, encaminha-se a demonstração explicativa da história.

Ao exibir essas imagens fotográficas, estabelece-se o discurso de uma história retratada com imagens, com o passado de uma realidade fragmentada. Nesse panorama, é o discurso que procura dar ordem à análise da construção da leitura de imagens.

Considerações finais

No contexto do ensino de história, a fotografia pode ser utilizada nas aulas como recurso didático e como fonte histórica, distanciando de sua principal função a simples ilustração ou o papel coadjuvante de reforço de uma ideia expressa na aula pelo professor ou pelo texto. A utilização da fotografia

possibilita trabalhar com a problematização e debates críticos, organizados em torno de atividades. Este recurso também é capaz de elaborar observações significativas em relação ao contexto histórico, desenvolvendo trabalho de descrição e permitindo elaborar por escrito as imagens observadas.

Consideramos ainda que trazer fotografias referentes aos momentos históricos regionais agrada muito mais o aluno, pois conhecer o cotidiano de seus antepassados ajuda a desvendar algumas situações, como costumes, cultura e política, que vivemos nos dias atuais. Tal prática aborda o cotidiano de Lampião e traz o valor da história cultural à vivência de sala de aula, ao focar a importância da cultura para a vida de cada um e como essa influência enriquece a história do povo nordestino.

Utilizar fotografias do acervo existente no Google nos proporcionou uma grande mobilidade na escolha das imagens. Por isso, a escolha foi proposital, já que a prioridade seria mostrar um outro lado do cotidiano de Lampião; em especial, aquele observado em seus momentos de “folga”. Ele tinha uma vida com sua esposa, conhecida como Maria Bonita; convivia também com pessoas que o admiravam, seus cangaceiros. Lampião gostava de costura, ler, dançar e rezar o ofício a Nossa Senhora da Conceição. Ao passo que o outro lado de Lampião foi abordado por fazer parte desse cotidiano, nosso foco, no entanto, não seria destacar o lado violento, perverso e bandido de Lampião.

Ao utilizar fotografias como instrumento metodológico para facilitar o ensino de história e levar o aluno a assimilar o assunto por intermédio do recurso visual associado ao textual, o professor, com esse artifício, ganhará a atenção do aluno, haja vista que o apelo visual é muito mais eficiente para crianças e adolescentes do que a interface textual.

ABSTRACT:

The article presents as its theme the teaching of History through iconographic resources, having as its main objective to promote the viability of the utilization of the iconography, more specifically the photography, as a resource that enables the teaching of History. For this to be achieved, a research was developed, using bibliographic revision and iconography, through photographs of Lampião's everyday, his living and cultural practices, while an important historic character to be studied, in a way that this studying attests the relevance of the utilization of these photographs in the teaching of History at the classrooms, specifically the basic education, scope of this article. The main objective of our purpose was to analyze how the photographs of the everyday and life experience of Lampião enables another vision of the cangaceiro

enlightened by his cultural practices. For theoretical teachings, representation studies were revealed, cultural History, iconographic methods purposed by CHARTIER (1987), FERRO (1978), HOBBSAWM (1975), BURKE (2004), LE GOFF (1984), PESAVENTO (2008), BITTENCOURT (2008) e MELLO (2010), making solid the structure of this paper in sense of the utilization of photographs and its importance as methodologic resource acceptable for História. In an environment where speculates that the História is merely decorative, tedious and that do not awaken the interest of the students, the use of the photographic representation can be presented as an alternative attractive teaching method that stimulates the interest and curiosity towards learning.

Keywords: History teaching. Photography. Lampião.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed., São Paulo: Editora, 2008.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CHARTIER, Roger. **Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime**. Paris: Seuil, 1987.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

FERRO, Marc. Imagem. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A Nova História**. Coimbra: Almedina, 1978.

GLOBO NEWS ESPECIAL TEM COMO TEMA "AS DUAS FACES DE LAMPIÃO - FREDERICO PERNAMBUCANO DE MELLO. Documentário, 2010. Referência incompleta. É necessário o nome do diretor, o nome do produtor, o estúdio de gravação, se é exibido em DVD ou VHS, se é colorido ou preto e branco, enfim. Precisa ter as informações da ficha técnica do documentário para referenciá-lo. Se não tiver, é melhor tirar.

HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

LE GOFF, Jacques. Memória – História. In: _____ (Org.). **Enciclopédia Enaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, [1984] 1985 (v. I).

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Sites consultados:

<www.onordeste.com.br>

<www.nosrevista.com.br>